

## O CENTENÁRIO DE ALBA VALDEZ

---

F. ALVES DE ANDRADE

(Pronunciamento como orador da Casa de Juvenal Galeno, na solenidade de 12-XII-74 comemorativa do Centenário de Alba Valdez, da Academia Cearense de Letras, associando-se a Academia à homenagem realizada).

Duas idéias casam-se neste instante em que nos reunimos em festas natalinas da intelectualidade cearense: o centenário de Alba Valdez, vinda ao mundo precisamente a 12 de dezembro de 1874, e o lançamento de um romance, que representa uma época, costume de uma sociedade, espelho de ontem aos olhos comovidos de hoje.

### UM ROMANCE E UMA VIDA

O romance é livro de Mozart Monteiro, sobrinho da grande escritora homenageada, vindo a lume sob a curiosa epígrafe de *O Rio era assim*. E como lá se costuma dizer para a sociedade atual — *O Rio era assim*, sempre se diz aqui, e insistiremos agora neste pensamento-chave, que bem merecia haver o seu romance — o Ceará era assim, no tempo de Alba Valdez.

O livro que se vai agora lançar nesta noite, em que a Casa de Juvenal Galeno comemora uma centúria da existência cultural daquela heroína das nossas letras, é como um bolo de aniversário. Vem iluminado de luz interior, trazendo

no centro a simbólica velinha, que marca um século da feliz lembrança. E reacenderá em nós aquela chama de humanismo, que sonha e que ri de esperança, que reflete e canta a imortalidade do pensamento humano, liberto e triunfante, pois nem tudo passa sobre a terra.

Alba Valdez nasceu em Itapagé no sítio Espírito Santo. Veio para Fortaleza em 1877, aos três anos de tenra idade, em companhia de seu genitores, flor dos vergéis crestados, arrancada dos campos arruinados pela longa e calamitosa seca, que abalou o Nordeste e dilacerou a sua província natal.

Chamava-se, em família, Maria Rodrigues, provavelmente descendente dos Rodrigues Martins, fundadores da antiga povoação de Santa Cruz da Serra da Uruburetama. Usou sempre o pseudônimo de Alba Valdez. De início, para ocultar-se da censura dos seus venerandos pais que, acompanhando a tônica da austeridade patriarcal, julgavam que escrever não era ofício de mulher. Confessou em vida esta particularidade a Maria da Conceição Souza, biblioteconomista da Academia Cearense de Letras. Usando ainda de ternura e carinho, tomou o nome de Alba de uma sua grande amiga, filha de Tomás Pompeu, e Valdez, do velho dicionário da língua portuguesa. Revelou-nos esta última minudência o poeta Carlile Martins, titular da referida Academia.

## A ESCRITORA E O SEU TEMPO

Naquela Fortaleza romântica, crescendo de costas para os sertões e de frente para o mar, abrigavam-se os que desertavam dos campos “incertos e mal seguros.” Uns fugiam espantados da vida rústica, outros iam a procura de novos e melhores ganhos, ou de *status* pela educação.

Embevecida no sonho das letras ou da elegância, tocada de gosto francês, assimilando cultura européia, uma sociedade patriarcal confundia-se em um mundo renascente, en-

tre as asperezas da terra mártir, a dentro esquecida, e a ingenuidade de certa sabedoria erudita, em que mergulhavam os seu pupilos, espraiando-se em clubes, salões literários, em agremiações, cafés para conversa e jornalismo inquieto, motivados de polêmicas literárias ou políticas.

Em tal ambiência, medrou e cresceu o talento da Alba Valdez. Matriculou-se na Escola Normal, diplomando-se professora em 1889. Ingressou no magistério público, iniciando-se nas letras a partir de 1901 com o seu livro *Em sonho*, o qual teve alguns capítulos vertidos por Bjorkman para o sueco, assim como o seu conto, intitulado "Carta", teve versão francesa, estampada em *Le Matin*, de Paris. Alba Valdez, disse Agripino Grieco, é a brasileira que os escandinavos presam tanto, e é quase desconhecida no Brasil.

A convite de Justiniano de Serpa, inicia-se como jornalista no *Diário do Ceará*. Torna-se logo colaboradora de diversos jornais e revistas no Brasil. Escritora erudita, mostra seu vigor, como polemista, incomparável na combatividade de suas idéias.

Em 1907, publica *Dias de Luz*, recordações da adolescência, a evocar figuras do seu convívio. Contista exímia, fiel à pureza da linguagem, neste, como nos demais livros, estudos, e artigos que escreveu, pontilhou de idéias luminosas, mais de quarenta trabalhos, além dos livros, reproduzidos em periódicos de ação local, regional, nacional e de além mar, assim o certifica Dolor Barreira.

Vibrante, comunicativa, instala e preside a Liga feminista cearense, empunha o dardo da libertação da mulher, participa destacada e ativamente do *Centro Literário, da Boêmia Literária, da Iracema Literária*, ingressa em 1922 na Academia Cearense de Letras, sendo a primeira mulher, no Ceará, a colher o galardão da imortalidade acadêmica. Em 1936, é recebida como sócia efetiva no Instituto do Ceará, deixando, na gloriosa Instituição de pesquisa, um precioso acervo de sua cultura e reflexões.

## O PIONEIRISMO LIBERTADOR DA MULHER CEARENSE

Em memorável estudo da personalidade de Alba Valdez, Zélia Camurça, sua sucessora no Instituto do Ceará, definiu-a nesta expressiva síntese:

*“...encarna a figura de uma das mais festejadas feministas do Brasil. Artista da gramática e do estilo, exímia em manejar a língua pátria, porfunda conhecedora dos mais recônditos vicejos da língua portuguesa, expressa a sua arte em páginas de serviço às letras e à mulher.”*

*“Consagrou-se pelos gestos francos, descobertos, ativos, rasgando sem temor o lençol das condenações misoneistas e das prevenções santarronas, contra as marchas do feminismo que se desenhava”, expressa Raimundo Girão.*

Louvores como estes, imparciais, unívocos são do mesmo modo tecidos por Andrade Furtado:

*“Em cruzadas patriótica e tenaz contra o analfabetismo, nas pugnas pela liberdade, nas batalhas em defesa dos princípios cristãos, foi a inesquecível combatente da causa da verdade, no domínio da Arte, perfeita encarnação de fidelidade e de amor ao dever.”*

Também estudando a sua vida, na qualidade de patrona de uma das simbólicas cadeiras na Ala Feminina desta Casa de Juvenal Galeno, Olga Monte Barroso, em inteligente ensaio, revela com acerto a sua admiração:

*“a vida e a obra de Alba Valdez, para quem as examina através de uma visão de conjunto, se desenvolve num sentido de pioneirismo libertador.”*

E tenta fixar a memória do seu vulto, ao completar os vinte e seis anos, na passagem do século, mostrando-nos, qual em moldura antiga: "Os olhos azuis de safira. cabelos louros, porte elegante, naquela última moda de vestidos até o tornozelo. Pudor decretado por uma moda de recatos quando os decotes subiam ao pescoço e os punhos desciam até as mãos."

Descendo os olhos dessa contemplação, vejo-a, já em idade provectora, no Instituto do Ceará, já no fim da jornada que tudo arruina, deixando apenas intocável a serenidade dos grandes espíritos. Da fisionomia, um nada da juventude, a volver-nos "*o campus ubi Troja fuit.*" E relemos para lembrar-lhe os feitos gloriosos, o que dela escreveu Eduardo Campos:

"Alba Valdez concebeu um mundo de ternura em admiráveis contos." Sim, um mundo de ternura da idealidade por ela amada e sofrida. E como no dizer do poeta "de tudo um pouco", restam-nos nos seus escritos os destroços de um passado extinto, o caminho trilhado, restam-nos os livros *Dias de Luz* e *Em Sonho*, obras esgotadas, raríssimas, que o Prof. Mozart Monteiro, seu dileto sobrinho, vem de oferecer à Casa de Juvenal Galeno. Estes vêm acompanhados de uma relíquia, um album de recortes organizados pela própria Alba Valdez, contendo artigos, crônicas e entrevistas publicadas pela imprensa.

#### DA IDEALIDADE AO SONHO

Examinando as páginas amareladas daquela Miscelânea, fomos encontrar, envolto numa poesia ingênua, dos seus quinze anos em flor, o coração da mulher. Ali o mistério da juventude, que se expandiu alentando os mais sérios atos de sua vida:

*Era sonho. Que sonho venturoso  
Eu tivera outro dia!*

*Foi num jardim florido, esplendoroso...  
Sonhava que te via.*

*Era sonho. O palácio era encantado  
Luzente como o dia!  
Num divan molemente reclinada  
Sonhava que te via.*

*E nunca mais tive esses meus sonhos,  
Os meus sonhos de outrora...  
Amo-te! E são ainda mais risonhos  
Os meus sonhos de agora!*

Para bem conhecer a pessoa humana é preciso ir direto ao coração, este pélagos da alma, como chamou Castro Alves. Nada como a pista de uns versos.

#### DOS ESCRITOS DE ALBA VALDEZ A UM ROMANCE DO PROFESSOR MOZART MONTEIRO.

Entre as relíquias que Mozart Monteiro oferece à casa de Juvenal Galeno, além dos milhares de volumes de sua grande biblioteca, doada a esta Instituição, acompanhadas de documentos históricos raríssimos, há agora dezenas de cartas a ele dirigidas por sua ilustre tia e mestra. E entre estas, a preciosa missiva que Alba Valdez, em 1913, escrevera à esposa de Clóvis Beviláqua, apresentando-lhe o sobrinho de 17 anos. Mozart não entregou a carta à destinatária. Guardou-a durante 61 anos, depois de aventurar-se, por conta própria e audácia, conquistando a Cátedra na Escola Normal do Distrito Federal.

Hoje, no Centenário de sua preceptora, aqui se apresenta e retorna acompanhado de sua dedicada e nobre esposa, para lançar nesta mesma oportunidade o seu romance — *O Rio era assim*.

É Ele o vencedor de uma peleja de idéias, ensaísta. historiador emérito, um educador que vai além dos campos que semeou na alma da juventude. Eis, finalmente o escritor genuíno de *Religião do Amor*, *Tentação de Eva*, *Viagem à Terra Santa*, *A vida amorosa de D. Pedro II*, *O Livro das Profechas*, *Nossa Senhora da Saudade*, *A verdade sobre a Rússia*, *Israel*, *o País dos Milagres*, *Um supersanto chamado Antonio*, além de surpreendentes crônicas, de perseverantes jornadas em redor do mundo

Não nos deteremos em comentários do livro que vai lançar nesta noite, pois, sendo um romance, os leitores nem gostariam de ouvir antecipadamente segredos da narração. Todavia, o autor oferece-nos em sua nova obra uma imagem viva dos usos e costumes da sociedade carioca, por volta de 1924.

Há cinquenta anos, na fase de decolar para o desenvolvimento industrial, a metrópole brasileira abrigava uma sociedade patriarcal a tocar o prelúdio de uma incipiente civilização do consumo, treinando frivolidades, moda, sexo, em esbanjamentos e fantasias. Estuário de populações desgarradas, com etos em decomposição, o Rio continha escondido, encoberto, todo o rebolado livre e escancarado de hoje — sem quaisquer preconceitos e vacilações.

Escrito em 1924, logo após a 2.<sup>a</sup> Guerra Mundial, permaneceu o livro guardado, inédito, secreto, enterrado, qual aguardente velha, que, descoberta e ofertada hoje, tem sabor histórico mas picante, inversivo: *in vino, veritas*. E basta.

## EVOCÇÃO DE UMA MENSAGEM

Agora, partamos o bolo do aniversário secular, voltando à imagem antiga, do velho engaste cearense. O romance de Mozart trata do que se passava do lado de lá — no Rio de Janeiro, porquanto, o das nossas bandas, no tempo da espiritualidade de Alba Valdez, resta escrever com outras tona-

lidades que são aqueles de afeto e ternura daquela Fortaleza antiga, ingênua e singela, mas rica de talento, que o tempo levou.

Resta clamar para que não arrefeçamos as tintas, nem as idéias, nem o sonho, pois vem com ele um ideal de beleza que não deve passar.

Para terminar, arrancaremos de uma das páginas de Alba Valdez, citada por sua sucessora no Instituto do Ceará, esta mensagem sublime:

*“Oh! a via crucis! O ar desfeito. Os trovões! Os raios!  
A água a jorrar, dando-me pancadas na cabeça. A  
lama a crescer, ameaçando tragar-me. Lama nojenta!  
Lama pútrida!*

*Eu chorava abraçada à minha mãe, que rezava.  
A pena agarrava-se-me nos dedos inteiriçados. Não  
[caiu.  
Não cairá. Morrerá comigo a fiel companheira. Força  
invencível, a do amor.”*

A pena não caiu das mãos de Mozart Monteiro, assim como não caiu da mão de Alba Valdez, heroína secular das nossas letras. Também, das nossas mãos, Senhores, digamos todos, homens e mulheres, escritores do Ceará, não cairá.